

AS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS E A GUERRA

Paulo Costa Garcia

No seu livro “Da Terra À Lua”, Júlio Verne esboça uma sátira de uma ONG, “O Clube do Canhão”, “The Gun Club”, uma associação de cidadãos defensores da Guerra. Grande parte dos seus membros eram ex-combatentes ou militares ainda no activo, mutilados mas felizes por terem participado na arte da Guerra e muito infelizes por não se vislumbrar na altura nenhum conflito no qual pudessem dar plena utilização aos canhões e às balas mais recentes. Frustrados com a paz resolvem então disparar uma bala gigante para a Lua que levaria no seu interior os seus famosos heróis.

Esta história algo satírica leva-nos a reflectir sobre algumas dimensões importantes do nosso intitulado de reflexão.

1 – De facto só pode existir guerra por que desde sempre existiram seres humanos que tiraram proveitos materiais e simbólicos desta actividade, por outras palavras, seres que gostam da guerra. Desde logo convém referir que a guerra é o tema principal de grande parte dos filmes, livros e outros produtos de entretenimento que circularam e circulam por todo o Planeta.

2 – A Guerra foi e é o principal factor de evolução tecnológica de toda a humanidade.

3 – A Guerra teria na Mitologia greco-romana o seu Deus, Marte, e não seria pois uma actividade exclusivamente humana. Os Antigos só desencadeavam hostilidades depois de estarem seguros que os Deuses e os Espíritos dos Antepassados estavam de acordo com os propósitos humanos. Na Guerra entre Atenas e Siracusa os gregos não deram a devida atenção a vários preságios divinos e por isso teriam sofrido uma grande derrota.

4 – Todas as grandes religiões da actualidade condenam formalmente a guerra considerando que é sempre um pecado grave um ser humano tirar a vida a outro irmão, mas todas as grandes religiões tiveram e têm grandes responsabilidades no desencadear de guerras.

A guerra materializada na batalha de Solferino, teve na origem da formação da maior ONG da actualidade, a Cruz Vermelha do suíço Henri Dunant. Apesar das cumplicidades com o capitalismo globalizado, a Suíça, é o único país do mundo que não esteve envolvido em qualquer guerra nos séculos XX e XXI. Foi e é a pátria de muitas ONGs humanitárias como é o caso da “Terra dos Homens” e pode ser considerada um modelo de sociedade pacífica para a construção de uma nova civilização mais equilibrada, ecológica e multicultural.

Começámos justamente a nossa reflexão com uma provocação, ou seja, a maioria das ONGs seriam favoráveis à paz e não à guerra, procurariam remediar os males provocados pela guerra. Mas porque razão não conseguiram as ONGs até hoje parar com a infernal corrida aos armamentos e com a espiral de violência no mundo inteiro?

Mas começemos antes por reflectir sobre o conceito de guerra. A violência sempre existiu nos seres humanos e em todas as tribos do mundo com a provável excepção da mítica Idade do Ouro, quando DEUS e o Homem formavam uma unidade inseparável. A violência entre Caim e Abel remete-nos já para uma primeira guerra entre pastores e agricultores. Para a Enciclopédia Larousse, “a Guerra é o recurso à força das armas para resolução de uma situação de conflito entre duas ou mais colectividades organizadas; clãs, facções, estados, nações, etc. Acto de violência exercido, no espaço e no tempo, com uma intensidade variável, a guerra consiste, para qualquer dos adversários, na sujeição do outro à sua vontade”¹.

Porquê o ser e não o nada interrogava-se Parménides. Porquê a guerra e não a paz interrogamo-nos nós no continente que mais guerra e mais mortíferas viveu até hoje, a Europa.

Porque razão depois do fim da guerra fria não foi possível estabelecer a paz e acabar com a corrida aos armamentos?.

Os Estados Unidos da América, com a administração BUSH vão gastar este ano, 2003, 379 biliões de dólares soma que vai continuar a aumentar até atingir 470 biliões em 2007, ou seja, metade da despesa pública norte americana em I&D será custeada pelo financiamento militar². A única superpotência global não precisa de inimigo para querer controlar todo o planeta. Devido a esta situação, os Estados Unidos são hoje a nação mais endividada do mundo com cerca de 23 biliões de dólares de dívida, quando a dívida de todos os países do chamado Terceiro Mundo não chega sequer a 1,6, um facto muito pouco mediatizado pois normalmente só se referem as dívidas dos países pobres. De facto a queda do Muro de Berlim só teve efeitos do lado de lá com grandes reduções das despesas militares nos países do EX-

¹ In Enciclopédia Larousse, 1998

² In Atal da Globalização Le Monde Diplomatique, 2003

-Bloco Soviético. Do lado de cá a loucura só abrandou esporadicamente para recomeçar mais tarde ainda mais violenta.

Hoje a luta das ONGs por melhorias nos sistemas de saúde, de educação e no desenvolvimento em geral só poderá ter êxito se parar a gigantesca sangria mundial para a indústria do armamento americana. Diga-se aliás de passagem que este monstro não está só. Os monstros da droga e do mercado do sexo servem-se igualmente de um sistema financeiro mantido propositadamente de forma opaca pelos grandes Estados Capitalistas. Pode-se dizer sem ironia que estão todos bem uns para os outros.

É inegável que muitas ONGs têm tido êxitos (sobretudo na América Latina) na luta contra a fome e contra a pobreza mas é óbvio que de uma maneira geral é como despejar o oceano com uma colher. Por cada criança pobre que se consegue alimentar vestir e educar, os monstros da Guerra, da Droga e do capitalismo global devoram milhares todos os dias numa espiral de violência única na história da humanidade. Hoje as grandes guerras já não são entre Estados. São no interior dos Estados e só assim se compreende que um país como o Brasil gaste mais na sua “guerra interna” do que na sua defesa externa. 70 milhões de brasileiros vivem na mais absoluta pobreza e dezenas de milhares de pessoas morrem todos os anos vítimas de uma guerra civil que nada parece poder travar. Culpar os Estados Unidos nada resolve mas temos de nos render à evidência. O Mundo parece caminhar a passos largos para um apocalipse sem nome. Muitas Ong's a nível mundial procuram fazer compreender aos responsáveis americanos que não serve de nada ir à procura de armas de destruição maciça no Iraque quando elas existem às centenas de milhar no próprio território americano. Uma pergunta ocorre naturalmente aos nossos espíritos. Como impedir alguma rede terrorista de se apropriar de uma arma terrível quando elas são tantas e tão generalizadas pelo mundo? Não seria razoável procurar um desarmamento global?

O Movimento Contra a Guerra no Iraque congregou milhares de ONGs a nível mundial. Desde sindicatos, igrejas, organizações ecológicas, todos se mobilizaram. No entanto é bastante estranho que não exista a nível mundial nenhuma grande ONG que tenha como único grande objectivo a luta contra a guerra. A Cruz Vermelha encara a guerra como inevitável realidade humana e procura minorar os efeitos da guerra.

Enquanto o sector militar continuar a ser a grande fonte de progresso tecnológico não será possível às ONGs terem acções mediáticas eficazes. A própria Internet foi uma criação do sector militar.

Não há nenhuma ONG que ponha em causa o actual capitalismo global. Porquê? Porque como revelava recentemente um programa da TV 5 francófona todas são objecto de vigilância por parte dos serviços secretos norte americanos. Desde o Papa à falecida Princesa Diana que lutava contra as

minas anti-pessoais, ninguém escapou nem escapa ao controle da única hiper-potência. Ninguém?

Os terroristas com destaque para Bin Laden continuam impunes. Os grandes traficantes de seres humanos, de sexo, de droga e de armas não parecem constituir particular preocupação para os serviços secretos globalizados a não ser quando colocam em causa de forma directa os interesses capitalistas americanos e mesmo aí de forma isolada. A grande preocupação dessas organizações são os concorrentes japoneses e europeus ao nível da luta pela supremacia capitalista, bem como alguns pobres intelectuais cujos efeitos sociais são quase nulos. Este é o primeiro sistema totalitário à escala global sem qualquer Sakharov para servir de travão.

O grande sector das ONGs que mais tem sido mediatizado é o domínio humanitário. Este sector tem profundas relações com o domínio militar. Vive, supostamente, para minorar os efeitos da guerra e também das calamidades naturais. Hoje em dia temos o grande paradoxo de serem de origem militar os grandes males da humanidade mas também muitos aspectos positivos. Desde logo como já referimos anteriormente, grande parte das invenções que utilizamos todos os dias são derivados de aplicações militares, desde a Internet, às telecomunicações, aos aviões comerciais (que foram utilizados como arma de guerra pelo terrorismo) e mesmo que tenham uma grande autonomia actual, na sua origem estiveram preocupações militares. Na História do Ocidente os espaços das cidades eram concebidos em função de preocupações guerreiras (por exemplo povoações construídas no interior ou em função das fortalezas na Idade Média).

São os militares quem possui o conhecimento e o treino necessário para as operações humanitárias. Em caso de grandes tragédias só os militares têm meios para fazer face às calamidades. A equipa de socorro internacional suíça, embora com voluntários civis submetidos a treino particular, é basicamente militar, altamente profissional e muito bem treinada.

Em Portugal o que falhou no combate aos incêndios não foram os bombeiros mas sim os militares. São eles a última e grande reserva de uma nação. Dizia-se até nos tempos da Revolução, a Reserva Moral, pois vinham desse sector as soluções para as grandes crises políticas. Portugal teve aliás a única Revolução a nível mundial em que se puseram flores nas espingardas, em que os responsáveis por torturas nunca foram julgados por crimes contra a humanidade, em que as vítimas de confrontos foram do lado das forças revolucionárias. A Revolução foi uma canção. Ateus confessos demonstraram espírito de perdão cristão enquanto muitos católicos demonstraram pouco espírito de amor ao próximo. Portugal teve nos anos da Revolução a maior experiência de ONGs no sector produtivo jamais conhecida na história da humanidade, a Federação das Cooperativas de Produção lideradas por Tomáz de Figueiredo. Essa iniciativa histórica que poderia ter redundado

num modelo diferente de sociedade com menos exploração e mais harmonia foi destruída pelo PCP com o pretexto de que os seus autores teriam ligações à CIA. Estalinistas e fascistas sempre mantiveram estreitas relações.

Os grandes heróis da História da Humanidade sempre foram guerreiros e mesmo nas tribos primitivas temos essa dimensão fortemente antropológica. Os heróis do capitalismo actual são esses “bonecos” televisivos, estilo Mr. Arnold, que recentemente ganhou as eleições na Califórnia, ou guerreiros de artes marciais japoneses. Não há hoje lugar nos media para a Não Violência, para um Ghandi ou um JESUS CRISTO. De factos os mitos fundadores do OCIDENTE, CRISTO e SÒCRATES, foram pela não violência, contra a guerra, mas foram eles próprios vítimas de violência e sobretudo da apropriação de muitas das suas ideias com fins violentos. Provavelmente por isso nenhum deles escreveu nada. Porque sabiam que as suas ideias seriam sempre utilizadas contra os ideais que defendiam. A escrita que codifica o ESTADO na concepção de CLASTRES, seria assim a primeira forma de verbalização e codificação da guerra. ESCRITA-ESTADO-GUERRA.

Daí que a condenação que o Dr. Fernando Nobre da Assistência Médica Internacional (AMI), fez da intervenção americana no Afeganistão em que se lançavam bombas e simultaneamente alimentos seja uma avaliação pouco realista da actual civilização. Tal situação não representou um desvio mas antes a regra inscrita no código de conduta de produção de violência material e simbólica. Como salientava Paul Beaud na sua obra “A Sociedade de Conivência”, a funcionalidade de um casino é fazer perder dinheiro às pessoas. Só a nível de Relações Públicas e de política de Marketing do Casino é que a funcionalidade seria fazer pessoas humildes muito felizes. Os fenómenos de guerra urbana como a droga, o mercado do sexo, etc, têm sido apresentados como fenómenos marginais quando de facto estão no coração e sempre estiveram, do funcionamento do sistema capitalista.

Este sistema promove guerras e mitos urbanos cada vez mais perversos e sofisticados estando os criminosos sempre em grande avanço sobre as “forças da lei”, quer a nível tecnológico quer no funcionamento de complexas redes sociais que ninguém controla. Como salientaram muitos autores, os efeitos da guerra no Afeganistão não foram “disfuncionalidades”. Devemos olhar para o resultado das acções das pessoas e não para as suas “aparentes” boas intenções. De facto um dos resultados extremamente importantes da Guerra americana no Afeganistão foi ter aumentado de forma exponencial a produção de droga (nomeadamente heroína) a nível mundial. Diz-me com quem andas dir-te-ei quem és, era um velho ditado que já foi mais utilizado do que hoje porque se o fomos utilizar com frequências teríamos provavelmente surpresas muito desagradáveis.

Seja na área sexual, seja na área militar, as perversões engendradas pela actual civilização deixam qualquer um na (im)possibilidade de pensar de

forma global os fenómenos que temos vindo a apreciar. Só temos capacidade para pensar fragmentos como referia Deleuze, um dos autores que compreendeu claramente de onde vínhamos e para onde íamos.

Pela sucessão de escândalos a que temos acesso hoje em dia através dos media podemos-nos interrogar se para ser um líder altamente funcional nesta civilização não será indispensável ter bons conhecimentos no campo do tráfico de droga, na prostituição de adultos e crianças, na corrupção de empresas, na fuga ao fisco, etc, etc. É aquilo que vários teóricos alemães designaram como “Killer Kapitalism”, o capitalismo assassino. De facto os “paraísos fiscais” não são “disfunções”, são “a função”.

Uma rede pedófila que durante dezenas de anos promoveu uma guerra social em Portugal com consequências devastadoras em milhares de crianças não é uma disfunção desta sociedade actual. É uma importante função de controle social através da violência e do medo. Hoje os cidadãos portugueses têm medo pela suas crianças e têm medo de serem acusados sem fundamento. Portugal entrou em processo rápido de autodestruição devido ao facto de ter um tecido associativo extremamente débil que nunca lutou eficazmente pelos Direitos Humanos. É pois difícil de saber na guerra civil existente na sociedade portuguesa onde está o direito e a razão, onde os estão os maus e os bons. Uma ONG humanitária interrogava-se na televisão; “os pedófilos têm dinheiro, bons advogados, influência social, nós os defensores das crianças não temos”.

Cartago adorava o DEUS MOLOCH que devorava crianças. Quem é o DEUS adorado nesta civilização? JESUS CRISTO? Quando interrogaram GHANDI sobre o que pensava da civilização cristã ele respondeu, “De facto era boa ideia pensarem em construir uma civilização cristã”. Demasiadas vezes na história da humanidade os nomes não corresponderam às coisas e no caso desta civilização todos os nomes foram destruídos a começar pelo próprio conceito de realidade. À semelhança do filme MATRIX tudo pode terminar numa guerra em que o mundo real e concreto foi já todo destruído e só nos resta o cheiro das flores numa dimensão virtual. O que nos mostra MATRIX é que o associativismo humano foi incapaz de travar a alienação da humanidade em função das máquinas e de um universo ideológico concentracionário baseado no modo de produção capitalista. Como explica ao herói do filme o agente Smith, o que é certo e correcto é trabalhar de forma ordeira numa bonita empresa de informática do sistema capitalista, não é andar a pensar no destino da humanidade, essa é a função dos Senhores do Mundo que promovem as guerras, pensar no destino de todos, ao povo resta-lhe consumir os artefactos.

Esta indústria da guerra, uma indústria da Celebração, das Relações Públicas generalizadas, é antes do mais uma civilização da violência através do sonho e dos produtos mediáticos. Hoje a reportagem sobre a guerra já não

se distingue da ficção. Podemos até dizer que um filme, uma obra de arte bem feita, será mais real do que muitas obras jornalísticas. Claro que isto leva-nos a uma discussão sobre o conceito filosófico de REAL e sobre o Sujeito da actual sociedade global, um Sujeito que já não é Freudiano, nem Marxista, nem sequer Kantiano, está reduzido a ser uma mercadoria virtual. A imagem da criança vítima da guerra foi de tal forma banalizada pelos media que hoje em dia muitas ONGs tem já pudor em recorrer a esses métodos para desenvolverem campanhas mediáticas humanitárias. Se imagem queremos só temos direito à voz distorcida e a um corpo anónimo como no caso das crianças violentadas porque é essa a realidade. A de seres destruídos sem corpo nem voz.

O choque final será provavelmente um desastre cósmico, um qualquer desastre ecológico global que obrigará todos os seres humanos sem excepção a repensar profundamente o seu modo de vida neste planeta. A grande utilidade das ONGs que lutam contra a guerra e pelo desenvolvimento só se tornará evidente depois de acontecer uma grande tragédia a esta civilização.

Resta-nos uma interrogação final. A Igreja Católica foi e é a maior rede mundial de ONGs que jamais existiu à face deste Planeta. Nos seus processos de colonização os padres portugueses e espanhóis, apesar dos erros cometidos, souberam ganhar a confiança das populações e inscrever-se na alma das populações de África, da América Latina e da Ásia. O grande historiador inglês Boxer, na sua obra sobre o Império Marítimo Português, referia justamente que embora muito mais débeis ao nível económico e militar, os portugueses tinham resistido nas suas guerras contra os outros impérios porque a sua evangelização tinha penetrado profundamente nas culturas dos povos não europeus. O Império Português que só recentemente terminou com a entrega formal de Macau aos chineses, foi de longe o Império mais pacífico e mais respeitador da natureza que o planeta Terra jamais conheceu. Embora tenha tido a violência que qualquer sociedade com Estado necessariamente produz, o Império português soube respeitar culturas locais, as regras humanitárias das Misericórdias foram um exemplo para o seu tempo e perante a miséria a que grande parte dos dirigentes africanos e dos capitalistas globais condenam os povos, não podemos deixar de pensar que esse Império teve virtudes, e defeitos que se tivessem sido corrigidos a tempo poderiam ter redundado na tal “Nova Era” que muitos procuram. Desde o Padre António Vieira até aos “hippies” dos anos sessenta muito se tem falado num “Novo Tempo”, num Império da Razão e Amor ao Próximo. Quem irá jogar um papel fundamental no futuro? Organizações “pós-modernas” como a Terra dos Homens suíça ou Aide et Action, (uma ONG através da qual o cidadão apadrinha uma criança) ou organizações mais tradicionais como a Igreja Católica? Quem está no terreno em todos os cantos do mundo é a Igreja Católica. Ao contrário de protestantes, cristãos ortodo-

xos, muçulmanos, judeus, hindus, budistas, xintoístas, ateus, etc, etc, a Igreja Católica é a única rede de ONGs mundial que está presente em todas as áreas geográficas, em todas as classes sociais, em todas as línguas e em todos os tempos importantes que o Ocidente já conheceu. Mais à Esquerda ou mais à Direita, mais centralizadora ou mais descentralizada, com maiores ou menores relações com os Estados, a Igreja Católica é a única rede de ONGs que de facto está em toda a parte. Esteve sempre no fim de todos os Impérios e esperemos que desempenhe um papel positivo num último Império que Globalize a Felicidade.

ONGs como a Cruz Vermelha, as Nações Unidas e muitas Organizações Intergovernamentais, deverão assim criar uma outra civilização mais pacífica e sustentável que esteja de acordo com as ideias de Buda, Jesus, Confúcio, Moisés, Maomet, Sócrates e outros grandes vultos da História da Humanidade. Só assim teremos um futuro possível pois esta civilização já provou não ser espiritual e materialmente viável.

As estrelas do mar estavam na praia a secar e a morrer aos milhares. Uma criança pegava nelas e atirava-as ao MAR para lhes dar vida. Um homem viu e perguntou. Porque atiras as estrelas de volta ao MAR? Há milhares em toda a pátria a morrer, que diferença faz? O menino pegou numa estrela, atirou-a ao MAR e disse, “Para esta eu fiz a diferença”.

Perante a Tragédia da História estarão as Organizações Não Governamentais a ser como a criança que procura salvar o que pode ser salvo?

Bibliografia

- Aristóteles, “A Política”, Vega Universidade
 Beaud, Paul, “La société de Connivence”, Aubier-Montaigne, 1984
 Bourdieu, Pierre, “La misère du Monde”, Seuil, 1993
 Bourdieu, Pierre, artigos diversos
 Druker, Peter, “A sociedade Pós Capitalista”, Difel, 1992
 Druker, Peter, “As Organizações Sem Fins Lucrativos”, Difel, 1992
 Espada, João Carlos, “Direitos Sociais e Cidadania”
 Garcia, Paulo, artigos diversos
 Galbraith, John Kenneth, “A Sociedade da Abundância”, Europa América
 Grysperdt, Axel, Textos diversos
 Profession Travailleur Social
 Ferran-Bechman, Dan, “Le Métier de Bénévole”, Antropos, Paris, 2000
 Hours, Bernard, “L’Idéologie Humanitaire”, L’Harmattan, 1998
 Habermas, Jürgen, “Droit et Démocratie”, Galimard, 1997
 Kotler, “Marketing For Non Profit Organisations”, Prentice Hall, 1995
 Legros, Pierre, “L’Exigence Humanitaire”, Seuil, 1998
 Mayer, Jean François, “Les Nouvelles Voies Spirituelles”, 1993, L’Age D’Homme, Lausanne

Neveu, Erik, “Sociologie des Mouvements Sociaux” e “Les Nouveaux Mouvements Sociaux”

Ramonet, Ignatio, artigos diversos

Silva, Manuel José Lopes, Textos diversos

Senarclens, Pierre, “L’Humanitaire en Catastrophe”, “Presses de Sciences Po”, Paris, 1999

Touraine, Alain, “Pourrons nous vivre ensemble?”, Fayard, 1997

Ziegler, Jean, Textos diversos